

# Sobre corpos, sexo, desejo e performatividade: a desconstrução do discurso de gênero nos trabalhos de Laerte

On bodies, sex, desire and performativity: a deconstruction of gender speech in Laerte's works

LIC. ANDRÉIA GUIMARÃES MOURA. Centro Universitário Adventista de São Paulo, Sao Paulo, Brasil.  
[andreia.moura@unasp.edu.br](mailto:andreia.moura@unasp.edu.br)

Recibido el 16 de junio de 2014  
Aceptado el 26 de enero de 2015

## RESUMEN

Embasando-se nos trabalhos do cartunista Laerte Coutinho, este trabalho busca refletir sobre a desconstrução de gênero proposta pelo artista, em sua prática. O que é sexo, gênero, corpo? Como estes elementos se relacionam em nosso contexto social/cultural? Estes conceitos são, essencialmente, construídos culturalmente e não biologicamente? Por meio de teóricos do gênero e da análise do discurso, o artigo pretende abordar essas questões sob o viés de que nossos comportamentos sexuais advêm de repetições sociais e se marcam, unicamente, por meio de uma diferença corpórea.

**Palabras clave:** gênero; sexo; corpos, discurso; performatividade.

## ABSTRACT

Based on the work of the cartoonist Laerte Coutinho, this work seeks to reflect upon the gender deconstruction proposed by the artist in his practice. What are sex, gender and body? How these elements relate to our social/cultural context? Are these concepts essentially cultural constructions and not biological ones? Through the study of gender theoreticians and discourse analysis, this paper aims to address these issues under the bias that our sexual behavior comes from social repetitions and is only distinguished by a bodily difference.

**Key Words:** gender; sex; bodies, speech; performativity.

## Introdução

O que é *gênero*? O que é *sexo*? Como se relacionam entre si e com o *desejo*? Como *gênero* se articula com *corpo*? Até que ponto o conceito, a idéia de gênero se forma de discursos construídos a partir de uma realidade corpórea que se marca pela diferença? Gênero não passaria, então, neste caso, de uma formação cultural? Como separar este corpo que se constrói, desde sempre, por expectativas e suposições, do corpo original, aquele não maculado pela cultura? Perguntas pertinentes em um contexto social cada vez mais mutante, que luta entre o *ser* e o *dever ser*. O primeiro representando a vocação de nossa essência e corpos; o segundo, construído por um conjunto normativo cultural.

No contexto social vigente é nítido um movimento de quebra que se articula contra as imposições normativas comportamentais. De todos os lugares (sociais e físicos) irrompem-se movimentos, comportamentos, grupos de pessoas procurando contestar esta *regulação* proposta e reafirmada culturalmente geração pós-geração. Nesse processo, que podemos chamar de *resistência*, se estabelece um grupo defensor da Teoria *Queer*. Essa linha de pensamento se foca na questão do gênero e afirma que orientação sexual, gênero e identidade dos indivíduos são resultados de uma construção social. Portanto, não haveria papéis sexuais essenciais, ou biologicamente, inscritos na natureza humana. O que existe, sim, são formas socialmente variantes de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

## 2. DOS GÊNEROS

Judith Butler (2003), uma das representantes dessa vertente de pensamento, afirma que gênero é uma sofisticada tecnologia social heteronormativa, operacionalizada pelas instituições médicas, linguísticas, domésticas, escolares, e que produz, ininterruptamente, “corpos-homens” e “corpos-mulheres”. Segundo ela, o “ser homem” ou o “ser mulher” é uma concepção construída historicamente, por uma repetição exaustiva e contingente de comportamentos pré-estabelecidos por tais instituições (Butler, 2003). Uma menina não nasceria *menina* (analisando todos os sentidos sociais e comportamentais implícitos no termo), mas se apropriaria do *ser menina*, pois somente dessa maneira, somente com a apropriação de um *ser* de um *gênero*, pré-determinado e controlado, ela se tornaria viável socialmente.

Antes mesmo de um ser nascer, seu corpo já está inscrito em um campo discursivo determinado. Mesmo quando o indivíduo é apenas uma *promessa*, um devir, um conjunto de expectativas estruturadas em uma rede complexa de pressuposições sobre gostos e comportamentos, um discurso, previamente, já foi construído e determinado para ele, antecipando um efeito que se

supunha ser a causa. Logo, todo corpo é um texto socialmente construído. Há, nesse processo, códigos que são naturalizados, padronizados, considerados aceitáveis; e outros que, por sua suposta estranheza, acabam relegados ao universo do inaceitável, socialmente. Assim, a heterossexualidade, longe de surgir de forma espontânea para cada corpo, inscreve-se por meio de processos constantes de repetição de códigos normatizados como *naturais*. Inscrevem-se, desse modo, as normas do gênero, isto é, uma materialização de conceitos intencionalmente organizados por convenções históricas.

Butler (2002, p. 326) avalia que “Esta imposição da norma de gênero é necessária para que o indivíduo se considere ‘alguém’, para chegar a ser ‘alguém’ viável, já que a formação do sujeito depende da operação prévia das normas legitimantes de gênero”. Normas essas que Butler (2003) insiste em afirmar que são construídas culturalmente, por meio da repetição e que conferem um efeito de “naturalidade” a tudo aquilo que orienta para uma heterossexualidade que nomeia de “compulsória”.

A origem da “identidade sexual” como o mundo a concebe, na visão de Butler (2003), não passa de um “efeito” gerado pelas instituições. A identidade sexual se origina de práticas e discursos múltiplos e difusos e dos efeitos de sentidos que esses discursos produzem em determinados contextos. Seguindo esse caminho, “gênero seria um fenômeno inconstante e contextual, que não denotaria um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (Butler, 2002, p. 29).

Um gênero é um significado cultural assumido por um corpo sexuado; é um *efeito de sentido*. Aceitar, então, a noção de que gênero é um efeito é entender que identidade ou essência são expressões; e não o sentido em si, do sujeito. Butler (2003, p. 24) enfatiza que apesar de “sexo” ser quase um axioma biológico,

(...) gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo.

Quando analisamos tal questão, a distinção entre gênero e sexo sugere uma descontinuidade radical entre o corpo sexuado e o gênero construído, culturalmente. Ainda que consideremos a estabilidade do sexo binário, nada indica que a construção de um *homem* se restrinja, unicamente, a corpos masculinos; ou que o termo *mulher* interprete apenas corpos femininos: “A hipótese de um sistema binário de gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito” (Butler, 2003, p.24).

A biologia, por muitos considerada enquanto um *destino*, acaba cedendo seu posto à cultura. Ela sim, (a cultura), se torna o destino. No fim das contas, o *existir*, o *ser* do indivíduo se submete ao

controle das normas comportamentais da cultura. E o indivíduo se deixa dominar por tais regras por considerar (pertinentemente) que só dessa forma se torna inteligível. Qualquer comportamento que fuja ao padrão exigido, pré-determinado, construído, causa perturbação social e é excluído automaticamente, relegado à periferia social, até mesmo extirpado.

As pessoas são regulamentadas pelo gênero e este tipo de regulamentação opera como uma condição de inteligibilidade cultural para qualquer pessoa. Desviar-se da norma de gênero é produzir uma aberração que os poderes regulamentatórios (médico, psiquiátrico, as leis, etc.) podem destruir rapidamente a fim de justificar a necessidade de que seu zelo regulamentatório continue. (Butler, 2006, p.29)

Butler acredita que gênero é, na verdade, uma performance. E são estas regras de regulação que criam performances pré-estabelecidas para os corpos a fim de categorizá-los em uma divisão binária que orienta para a heterossexualidade. Quando uma grávida visita o médico e ele, após uma ultrassonografia, afirma *é um menino*, produz-se uma invocação performativa. Nesse momento, apresenta-se um conjunto de expectativas e suposições ao redor desse corpo em formação. E são dessas expectativas e suposições que se estruturam as performances do gênero: *Bom, é menino, então vai brincar de carrinho, usar cueca, gostar de futebol; é menina, então vai pintar as unhas, brincar de boneca, usar batom e vestido*. Performances. O sexo, definido por tais regras, é a única forma de se tornar viável socialmente, inteligível.

Por outro lado, se gênero é performativo, obviamente é construção, é discurso, produção de sentido em determinados contextos. Visto dessa forma, sua própria concepção, sua terminologia, não poderia (nem deveria) presumir uma exaustão. Ele transcende. Butler (2006, p. 11), ao abordar o paradoxo limitante das regras em relação a uma possível amplidão na leitura de “gênero”, afirma:

A norma governa a inteligibilidade, permite que certos tipos de práticas e ações sejam reconhecidos como tais, impondo um quadrado de legibilidade sobre o social e definindo os parâmetros do que aparecerá e do que não aparecerá dentro do domínio do social. A pergunta ‘o que é estar fora da norma?’ cria um paradoxo para o pensamento, pois se a norma faz o campo social inteligível e normatiza este campo para nós, então estar fora da norma é, de certo modo, continuar sendo definido em relação a ela. Ser ‘não totalmente masculino’ ou ‘não totalmente feminina’ é continuar sendo entendido exclusivamente nos termos de uma relação que o indivíduo mantenha com o ‘totalmente masculino’ e o ‘totalmente feminino’.

Masculino e feminino são da ordem do gênero, portanto, conceitos construídos pela repetição exaustiva, ininterrupta e normativa de determinados comportamentos. Práticas que

precisam ser repetidas, reafirmadas, *ensinadas* pelas instituições, porque a todo tempo comportamentos divergentes, subversivos ao proposto insurgem e causam perturbação social. O fato de a reiteração dessas normas de materialização dos corpos ser necessária é um sinal de que tal materialização não é natural, tampouco unânime, completa. Os corpos não acatam completamente as normas pelas quais se impõe sua materialização. Não se inscrevem naturalmente no discurso que pressupõem.

Há uma instabilidade quanto à absorção de uma postura binária de gêneros pelos indivíduos, e seus corpos. Uma instabilidade que se repete historicamente todo o tempo e que de igual modo é reprimida pelas instituições responsáveis por produzir os efeitos de sentido da visão dimórfica pré-estabelecida dos gêneros. Butler (2002, p. 18) enfatiza que, na realidade, são estas instabilidades que finalmente abrem portas para as possibilidades de rematerialização destes conceitos e criam espaços onde a “lei regulatória pode voltar-se contra si e produzir rearticulações que ponham em juízo a força hegemônica destas mesmas leis regulatórias”.

Em outras palavras, ainda que não existam corpos livres, anteriores às formações discursivas, é preciso resistir ao discurso imposto, apropriar-se do que foi e é dito, ressignificar os dizeres, a fim de abrir campos para uma reconstrução de conceitos e uma conseqüente mudança na organização social.

### 3. LAERTE, DISCURSO E SUBVERSÃO

Este processo de resistência que busca produzir, por meio de apropriação e reconfiguração de conceitos, novos sentidos, significações, é o que Laerte Coutinho realiza em seu trabalho como chargista. Suas criações procuram subverter o conceito de gênero pré-estabelecido sociohistoricamente a fim de contribuir no processo de reconfiguração social (de papéis e corpos) que o contexto atual exige.

Laerte é quadrinista há mais de 40 anos e suas tiras já foram publicadas por veículos como *Veja*, *Estadão* e *Isto é*. Atualmente, seus trabalhos são publicados semanalmente pela *Folha de São Paulo*. É o criador de personagens emblemáticos como Overman, Piratas do Tietê, Fagundes e Los Três Amigos (em parceria com Angeli e Glauco). Também é considerado um dos grandes nomes da área no país, principalmente por tratar com sagacidade e esclarecimento temas pertinentes em momentos decisivos da história. Falou de ditadura, de economia, da AIDS, da pobreza, e nos últimos tempos voltou-se para a questão dos gêneros, abordando constantemente a transgeneralidade.

Desde 2005, começou a abandonar seus personagens principais focando-se, unicamente, em duas de suas criações: Hugo e sua versão *crossdresser*, Muriel. Em 2009, assumiu sua transgeneralidade e passou a se vestir de mulher (prática conhecida como *crossdressing*). A atitude

causou polêmica no país, mas colocou em pauta a questão da transgeneralidade e do discurso obsoleto e incontinente de gêneros. Laerte é um dos fundadores da ABRAT (Associação Brasileira de Transgêner@s) e militante do movimento LGBT.

Esse artigo pretende analisar algumas das sequências de tiras do autor com o intuito de identificar como ele constrói seus dizeres a fim de criar um efeito de subversão ao discurso de gênero pré-estabelecido. Pêcheux (2008) afirma que os sentidos se constituem de acordo com as posições ocupadas pelo sujeito do discurso, determinadas pelas condições históricas e ideológicas. De forma que não se pode compreender o discurso proposto por meio de significados isolados contidos em termos específicos. Os sentidos possíveis são constituídos por formações discursivas, nas relações que as palavras e expressões de tais formações mantêm com proposições semelhantes. Proposições coexistentes no dizer em questão, proposições resgatadas (de outros contextos e situações históricas) por nossa memória, e pela ausência programada de determinadas proposições. Já dizia Orlandi (2009, p. 82), “há toda uma margem de não ditos que também significam”.

Nas tiras analisadas abaixo é possível identificar, reconhecer, o sujeito do discurso (Hugo, um transgênero em conflito), resgatando dizeres e práticas sociais comuns aos indivíduos. Ao mesmo tempo, a maneira como diz, como age, em relação a esses elementos, o modo como se silencia a respeito de algumas coisas e o contexto sociohistorico em que seu dizer está inserido, ressignificam as *verdades* previamente conhecidas pelo receptor. E o processo de compreensão do que é dito, da ressignificação proposta, só é possível exatamente porque o receptor da mensagem conhece os pressupostos discursivos em questão. Pêcheux (2008, p. 18) explica que o discurso só tem sentido para um sujeito quando ele reconhece aquele dizer como pertencente à determinada formação discursiva: “Os valores ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias, que designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente”.

Para entender o que é dito, portanto, é necessário estar ciente das condições de produção daquele discurso. Reconhecer quem fala, os conceitos expostos e o contexto sociohistorico do que é dito ali.

“Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: o contexto imediato. E se considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto socio-histórico, ideológico (Orlandi, 2009, p.30).

O sentido de um discurso, então, não está na formulação. Ele passa pela opacidade, pelo corpo da linguagem (sua materialidade, discursividade), pela ideologia. É tridimensional. Abarca história, linguagem e ideologia. Sua produção acontece na história, por meio da linguagem, uma das

instâncias por onde a ideologia se materializa. Ele é construído, historicamente. Hugo/Muriel em suas falas nas tiras de Laerte conseguem demonstrar isso claramente. Nota-se a forma como o discurso do gênero é e foi construído sociohistoricamente, como os efeitos de sentido desse discurso são reiterados, fortalecidos, impostos pelas instituições. Ao mesmo tempo, conseguimos identificar como Hugo/Muriel começam a produzir um novo discurso (talvez um discurso transgênero?) utilizando os elementos criticados. Um discurso repleto de significações que só fazem sentido por estarem inseridas neste contexto.

Que contexto? Um mundo que (assim como o sujeito do discurso em questão, Hugo – o transgênero) está em conflito em relação às novas determinações do gênero. Um mundo onde as instituições abalizadoras da heterossexualidade e da *verdade* contida na divisão binária dos gêneros começam a entrar em colapso. As tiras analisadas nesse artigo foram produzidas em um período de 2 anos; entre janeiro de 2010 e outubro de 2012. Durante esse período, o mundo viu o Vaticano enfrentar escândalos gigantescos de pedofilia e homossexualismo; os norte-americanos regularizaram a situação dos gays no exército; a Argentina oficializar o casamento homossexual; diversos países legalizarem a adoção por casais gays; homossexuais e transgêneros serem hostilizados e mortos em todos os lugares do planeta como nunca antes; fundamentalistas de todas as etnias e esferas (políticas, religiosas, etc.) manifestarem repúdio às praticas homossexuais; falou-se de “cura” gay; igrejas começaram a incluir os homossexuais.

Enfim, fatos que só corroboram a visão de que o mundo enfrenta um colapso eminente em seus papéis sociais/sexuais e nos corpos que o constituem. Que o discurso de gênero imposto, até o momento, já não pode conter um indivíduo cada vez mais consciente das possibilidades corpóreas que lhe são inerentes. A desconstrução de gênero proposta por Laerte; as falas de Hugo/Muriel responsáveis por uma tentativa de reconfiguração deste conceito, só podem ser compreendidos, só tem sentido subversivo, quando analisados em nosso contexto atual e em relação a uma história de construção socioideológica de gênero.

O discurso é isso: uma prática mediadora entre o homem e sua realidade natural e social. Prática que significa ação transformadora. Há movimento. Da enunciação à interpretação, ao contexto histórico, ideológico, onde os interlocutores estão inseridos. Orlandi (2009, p. 30) enfatiza que os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas; e sim, “São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão, de alguma forma, presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem que apreender”. Esses vestígios são as pistas para se compreender os sentidos produzidos ali e que colocam o dizer em relação com sua exterioridade, com suas condições de produção.

Enfim, são pistas que também resgatam uma memória discursiva. Pêcheux e Orlandi afirmam que a memória, quando a pensamos em relação ao discurso, é o “interdiscurso” ou a

“memória discursiva”; é aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Orlandi (2009) ilumina esse conceito quando afirma que o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas, elas significam pela história e pela língua. O que é e foi dito em outros lugares também adquire significado próprio (e mesmo referencial) em *nosso* dizer: “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (Orlandi, 2009, p. 31)

Laerte, através de Hugo/Muriel, cria um discurso subversivo que produz sentido somente quando o receptor consegue administrar esta relação entre o contexto imediato, o contexto histórico e a memória discursiva. Não há nada de surpreendente nos diálogos, nem a apresentação de complicados raciocínios a fim de convencer o leitor a respeito da obsolescência do gênero como é concebido, socialmente. Cada enunciação, cada dizer, cada proposição utiliza o conhecido, resgada o vivido e visto, fala de senso comum. Não há segredo, mas há ciência para entender que o comum, como é colocado ali, produz diversos efeitos que nada tem a ver com reafirmar o vigente. Assim, “Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender” (Orlandi, 2009, p. 26).

Para facilitar a análise do material abaixo, as tiras serão apresentadas de forma simples. Primeiramente, e logo abaixo, ficarão listados os discursos a que elas remetem. A opção por esta forma de apresentação se deu pela facilidade de compreender o que é identificado nas tiras.

## CLUBE DO TRANCO



### Tira 1

#### Discurso implícito:

- Ser transgênero é manchar a imagem da espécie

(Constatação que pode ser percebida pelo uso do termo *tranco* [2 vezes], que é ligado fortemente ao sentido de masculinidade [e até brutalidade, no sentido literal]. Ao mesmo tempo, ser do *clube do tranco* é um comportamento que Hugo protagonizou durante parte de sua vida. Uma parte anterior a seu hábito de se travestir. Essa mudança, o travestimento, é um comportamento execrável e que, portanto, não condiz com a normalidade e mancha a imagem masculina, a imagem da espécie. E é claro, é preciso levar em consideração o teor satírico do texto e da imagem [e isto se repete em todas

as tiras analisadas]. Logo, a literalidade dos significados percebidos não é real. É a sátira que dá o efeito contrário aos discursos apresentados).

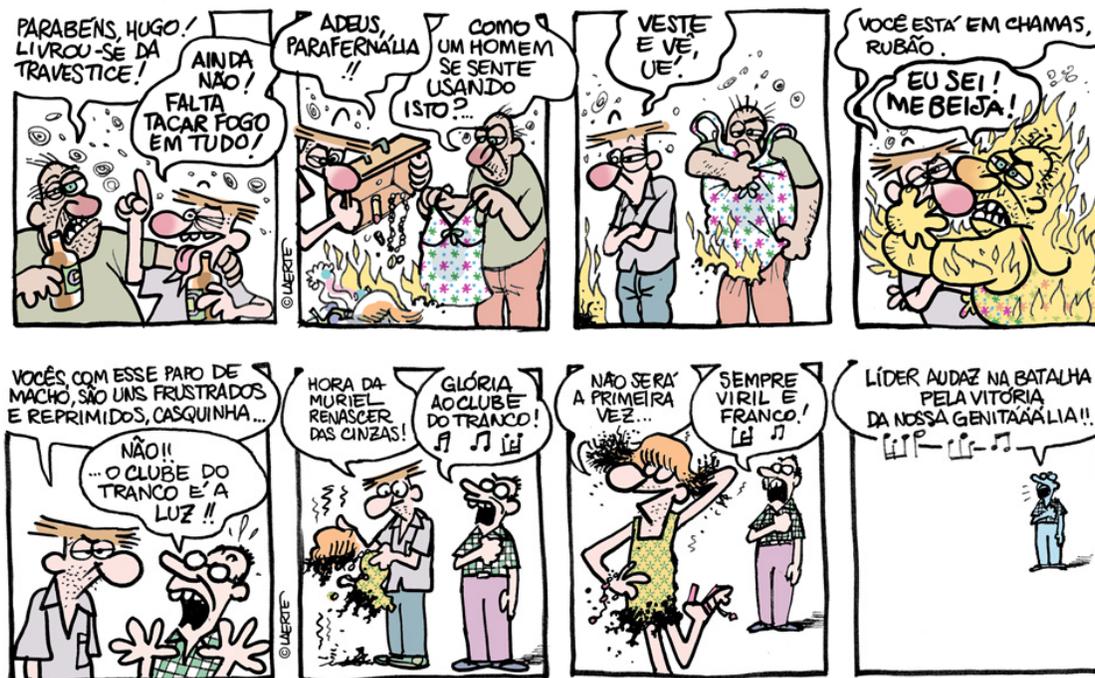
### Tiras 2 e 3



### Discursos implícitos:

- TRANCO: Ser homem, ser viril, ser másculo é ser bruto
- Travestir-se é sinônimo de viadagem?
- Imposição de uma imutabilidade de gêneros
- Comportamentos que não se encaixam no padrão precisam ser reeducados
- Se Hugo vai ser reeducado é porque seu comportamento anterior é resultado (também) de educação. Ou seja, gênero é cultura; não biologia.
- Educação pelo trauma? Somos traumatizados para aprender os padrões estabelecidos?
- A reeducação visa ao bem do indivíduo em questão. Se encaixar no padrão é absolutamente necessário para que ele continue a interagir socialmente.
- Rotulação de comportamentos (gênero construído sócio-historicamente)
- Gêneros são reduzidos a uma lista de comportamentos: *Comer como...*, *andar como...*, *falar como...*
- O discurso de gênero desumaniza o indivíduo, rouba a sensibilidade, o confina a comportamentos *animais*.
- Comportamentos pouco naturais, anormais, são legitimados pela construção histórica de gênero.

### Tiras 4 e 5



#### Discursos implícitos:

- Travestir-se é algo ruim. É preciso livrar-se desse comportamento.
- Não se pode criticar, acusar ou demonizar algo sem experimentação.
- Machões empedernidos, garanhões, *casanovas*, podem ser transgêneros reprimidos.
- Se submeter à tirania dos gêneros é ser frustrado e reprimido.
- Resume-se a questão do gênero a uma realidade corpórea marcada pela diferença. Gênero é genitália.

### REENCARNAÇÃO

#### Tira 1



#### Discursos implícitos:

- Identidade se inscreve nas partes do corpo.

- Relação corpo-gênero
- MACHO: viril, provedor, forte, digno para interagir socialmente.
- Ser *macho* está estritamente relacionado a ter um *saco* (ainda mais se for grande).

### Tira 2



#### Discursos implícitos:

- Divisão dimórfica dos gêneros pressupõe um comportamento machista. (Não tem como não ser machista?)
- Liberdade só é entendida dentro dos padrões pré-formatados de gênero.
- As questões do gênero, o enquadramento preconceituoso, não estão relacionadas apenas a uma autoridade patriarcal mal-entendida. É uma consciência coletiva que se fortalece através da história. Só se é humano e normal quando o comportamento se alia aos padrões do *como manda o figurino*.
- Defesa da tradição pela tradição.

### Tira 3



#### Discursos implícitos:

- Gênero é um comportamento ensinado. Passado de geração para geração. Um comportamento que se assevera na repetição.
- Mulher retrada em papel de submissão: Lavar, passar, cozinhar e obedecer ao marido. O discurso inferioriza o *feminino*.
- Idéia de um corpo sexuado já não confere sentido a este sujeito. Inrompe uma resistência à proposta dimórfica do gênero.

### Tira 4



#### Discursos implícitos:

- Homem é bruto e medíocre. Mulher é submissa e dependente.
- Ser MACHO (ser homem, viril, provedor, forte) é ser bruto.
- A divisão dimórfica dos gêneros incentiva a mediocrização do indivíduo, sua destituição da sensibilidade.
- Os indivíduos já não conseguem se conter dentro dos padrões pré-definidos de seus gêneros. Os comportamentos *anormais* irrompem.
- Construção cultural de gênero não se limita ao universo familiar. A doutrina é imposta, fortalecida pela escola, pelas instituições, pela literatura, etc.

### Tira 5



#### Discursos implícitos:

- Um mundo onde só se aceita uma divisão dimórfica de gêneros é quadrado.
- O mundo infantil se contrói sob proibições e pressuposições (axiomáticas). Ser homem é ser *isto*, ser mulher é ser *aquilo*. Divisão de gêneros na língua.
- Pedagogia de gêneros que objetiva preparar o sujeito para uma vida heterossexual (único caminho para a felicidade e normalidade).
- A infância é o momento no qual os enunciados discursivos são interiorizados e se produz a estilização dos gêneros e a castração de opções alternativas.

## NO METRÔ

### Tira única



### Discursos implícitos:

- O que é ser homossexual? Estar travestido é o sinal? Todo travestido é gay?
- Gênero adquire vida através das roupas que compõem os corpos, os gestos, os olhares, e os trejeitos.
- O corpo sexuado (homem/mulher) é que permite a inteligibilidade dos gêneros?
- **A experiência transexual rompe os limites discursivos do gênero.**
- Ignorância das pessoas a respeito dos transgêneros (uma ignorância que nasce de um comportamento de rejeição que parte de discursos religiosos e científicos).
- Desejar um gay é errado. (Porque é pecado? Vai contra as leis fisiológicas naturais?)
- O desejo só pode existir em uma relação homem/mulher porque há uma complementaridade de gêneros.

## ELES

### Tira 1



### Discursos implícitos:

- Quem são eles? (as instituições?)
- As instituições (família, ciência, igreja, escola) monitoram nossas vidas e determinam quais os padrões aceitáveis de comportamento (implicitamente o que faz cada gênero).
- As pessoas devem se encaixar em caixinhas comportamentais. Só dessa forma conseguem se integrar socialmente e se fazer compreender.

### Tira 2



### Discursos implícitos:

- As instituições são as detentoras de todo o saber e verdade?
- Surfista não pode ser culto; homem não se traveste; travesti não vai à igreja. A questão do gênero é um pressuposto tão ilógico e absurdo quanto esses.
- Qualquer comportamento distinto causa perturbação social.

## NORMAL

### Tira 1



### Discursos implícitos:

- Quem determina o que é normal?
- Quem impõe a quem? (o conceito de gênero).
- A normalidade é um discurso construído social e historicamente.
- As minorias são consideradas estranhezas, anormalidade (negros, gays, transgêneros, travestis, mulheres?).
- O discurso dimórfico dos gêneros cria um sentimento de anormalidade, do ser *aberração*, do ser *ET*.

## Tira 2



### Discursos implícitos:

- Normalidade extermina a existência de outras possibilidades.
- Ironia do conceito de normalidade: ser normal é ser branco, heterossexual e homem?
- Nada diferencia homem e mulher, apenas a cultura. Gênero é cultural, não biológico.
- Orientação sexual, gênero, corpos são coisas absolutamente distintas.

## 4. CONCLUSÕES

O trabalho de Laerte, em poucas palavras, produz o forte sentido, a mensagem de que gênero, como o mundo o concebe, é um discurso repressor, ilógico, antinatural e limitado. A idéia de se mimetizar sexo e gênero é absurda. Orientação sexual, gênero e corpo são coisas absolutamente distintas. Por meio de comparação (com formações discursivas similares), ele demonstra que a divisão binária de gênero é insensatez e que tem o único objetivo de orientar e incentivar uma heterossexualidade.

Gênero não é biológico, é cultural, é um discurso e, portanto, como todo discurso, é construído sociohistoricamente. Um discurso que se embasa, se fortalece, se perpetua por meio de comportamentos ensinados e repetidos. Um discurso que se baseia apenas em uma realidade corpórea marcada pela diferença.

As tiras fazem referência ao que Butler diz quando reflete que a necessidade permanente do sistema, das instituições (família, igreja, escola, ciência) em afirmar e reafirmar que homens e mulheres são diferentes por sua natureza e que só se é viável socialmente encaixando-se na divisão binária de gêneros, indica que a absorção desses pressupostos, dessas normas de comportamento, não ocorrem como se deseja. Há insurreição a todo tempo. Logo, é preciso *reeducar* a todo tempo também.

Laerte ainda enfatiza em seu trabalho que uma ruptura com o discurso de gênero só é possível

em um movimento igualmente repetitivo. Ou seja, nas diferentes maneiras subversivas de se apresentar gênero e em suas constantes repetições é que se encontram as possibilidades de reconfiguração. Somente na repetição subversiva é que se poderá transformar a questão do gênero.

Aprofundando a visão sobre o trabalho de Laerte pode-se perceber que a desconstrução do discurso de gênero talvez seja apenas a ponta de um iceberg. As tiras do chargista apontam além, para um discurso idealista. Laerte reitera a visão de Shopenhauer (O LIVRO..., 2011) quando disse que todo homem toma os limites de seu próprio campo de visão como os limites do mundo e que, portanto, há uma dificuldade em validar, reconhecer e até perceber aquilo que não lhe foi ensinado/mostrado em sua formação. Há uma nítida dificuldade de aceitar e normalizar comportamentos que estão além de sua visão pré-estruturada e *ensinada* de mundo. Por outro lado, “ser é ser percebido”, já dizia Berkeley (O LIVRO..., 2011, p. 138). E para vencer o obstáculo da visão limitada do mundo é preciso se fazer ver, o que somente será possível na repetição subversiva (ainda que provoque estranheza e repúdio) de comportamentos despadronizados. O transgênero precisa se fazer ver e, para tanto, deve investir na repetição comportamental subversiva. Acima de tudo, Laerte conduz à constatação de Hegel (O LIVRO..., 2011, p. 178): “Toda realidade é processo histórico”.

## 5. REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan:** sobre los límites materiales y discursivos del sexo. Buenos Aires: Paidós, 2002. 345 p.

\_\_\_\_\_. Regulaciones de Género. **La Ventana**, Guadalajara, n.23, p. 7-35, 2006.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero - Feminismo e subversão de identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

COUTINHO, Laerte. **Muriel total.** Disponível em < <http://murieltotal.zip.net/> >. Acesso em: 15/11/2013.

PECHEUX, Michel. **O Discurso:** estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2008. 68 p.

O LIVRO DA FILOSOFIA. São Paulo: Globo, 2011. 352 p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009. 100 p.